MELO, Glenda Cristina Valim de; PAULA, Luciane de. Apresentação. Dossiê Discursos de Gênero, Sexualidade e Raça. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.1-7, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

APRESENTAÇÃO

Discursos de Gênero, Sexualidade e Raça

Glenda Cristina Valim de Melo[1]

Luciane de Paula[2]

(Organizadoras)

> Nós fazemos coisas com a linguagem, produzimos efeitos pela linguagem e nós fazemos coisas para a linguagem, mas a linguagem é também a coisa que fazemos (BUTLER, 1997, p.8).

Sujeitos analisam as relações sociais de sujeitos tornados objetos de pesquisa. Com essa atividade reflexiva, de acordo com Amorim (2001), o objeto das Ciências Humanas não é um objeto em si, mas um sujeito vivo pesquisado. O/A pesquisador (a) também não é um(a) mero(a) observador(a), que descreve a vida como se dela não fizesse parte, como prevê a ciência ortodoxa, a qual rejeitamos, exatamente por vivermos as relações humanas como relações sociais, tomadas em processo e não como produto acabado, como dado advindo de outras esferas (como a natureza ou a divindade). O/A pesquisador(a), tanto quanto o/a pesquisado(a), parte de certo ponto de vista para pensar a práxis social como construção histórica, produzida por sujeitos, para pessoas e trata de sujeitos. Prática que, no sistema capitalista, objetifica o ser, uma vez que se apropria dele como coisa – fala sobre ele, nem sempre com a legitimação de sua voz, de seu "lugar de fala" (RIBEIRO, 2017) específico. O fazer que prevê o sujeito como objeto se caracteriza como uma produção capital que, com vistas no lucro, reifica o homem para explorá-lo (mesmo a exploração científica). Conforme Marx: "toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo no seio de uma forma de sociedade

[1] Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Research Group Race, Gender, Sexuality and Language da Associação Internacional de Linguística Aplicada – e-mail: glenda.melo@unirio.br

[2] Professora lotada na Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus de Assis e credenciada no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa do Câmpus de Araraquara. Coordenadora do GED - Grupo de Estudos Discursivos- e-mail: lucianedepaula1@gmail.com

determinada e por intermédio dela. (...) Uma apropriação que não se apropria de nada é uma contradictio in subjecto" (2016, p. 153). E tudo é apropriação.

A ideologia, por meio da inversão (MARX e ENGELS, 2007; CHAUÍ, 1991; SAFFIOTI, 1992), possui papel essencial no processo de constituição do sujeito-objeto. A alienação, contudo, presume a desalienação; a coisificação supõe a humanização.

Graças ao desenvolvimento das contraideologias, as possibilidades de desalienação-humanização se presentificam. Isso ocorre por meio da atividade reflexiva que empreende sujeitos e objetos como construções de práticas sociais, uma vez que "(...) homens e mulheres fazem a história, produzindo objetivações através de suas práticas sociais e, simultaneamente, apropriando-se de seus resultados, isto é, reapropriando-se subjetivamente da história que fazem" (DORAY, 1989, p. 49).

Os processos de subjetivação-objetivação se relacionam à apropriação dos frutos da práxis humana, em virtude de ser a sociedade dividida em classes e grupos, atravessada pelas contradições de gênero e de raça/etnia. Esses três ordenamentos das relações sociais não existem paralelamente. Ao contrário. Eles se entrelaçam de modo a formar o que Saffioti (1987, p. 33) denomina como "nó": "Trata-se de um entrelaçamento, que não apenas põe em relevo as contradições próprias de cada ordenamento das relações sociais, mas que as potencializa. Em outros termos, este nó apresenta uma lógica contraditória". Ora, no contexto teórico aqui exposto (o das Ciências Humanas, especificamente, na seara das Letras e, mais especialmente ainda, nas linhas discursivas), não se pode admitir que uma pessoa se converta em objeto (ainda que ela possa ser tratada como tal), uma vez que a relação social ocorre, necessariamente, entre sujeitos.

Marx e Engels afirmam que "os indivíduos isolados não formam uma classe senão na medida em que se impõem a tarefa de levar avante a luta comum contra uma outra classe" (2007, p. 47). Maior complexidade essa afirmação apresenta quando considerado o nó de três contradições sociais e não apenas uma delas, especialmente se pensarmos as clivagens que esse nó produz nas classes/grupos e nas categorias de gênero e de raça/etnia. A constituição do sujeito se vincula com o movimento de alienação/ desalienação e reificação/humanização.

O sujeito, constituído em classe/grupo, raça/etnia e gênero, metamorfoseia-se dentro desse nó, em que os três elementos estão sempre presentes, embora não com o

mesmo vigor. A depender da situação histórica vivenciada, um pode apresentar mais relevo que outro. Há circunstâncias em que a identidade de gênero fala mais alto, mas há outras em que a de classe/grupo ou a de raça/etnia domina. Seja como for, a intersecção e as clivagens constituem os sujeitos e as relações sociais.

No contexto sócio histórico brasileiro, gênero, sexualidade e raça estiveram e ainda estão no centro de debates midiáticos, nas comissões a respeito da Educação e Direitos Humanos tanto na Câmara dos Deputados como no Senado, na escola, além das novelas, séries, filmes, etc. Na *web*, encontramos sites, blogs, perfis nas redes sociais diversas que discutem sobre, em alguns casos de forma simplória, conceitos sobre o que seria 'ser' menina ou menino na contemporaneidade. Com isso, polarizam gênero como binário e biológico, definem ações prévias para tais gêneros como o uso de roupa, a forma de sentar, de falar, dentre outros. A sexualidade, outro ponto de conflito e interpretação distorcida para uma grande parte da sociedade, vem sendo debatida nas igrejas, nos bares, em sala de aula por docentes e pesquisadoras(es) das mais variadas áreas. Esses(as) estudiosos(as), preocupados(as) com o futuro da educação e com as mazelas do machismo, do patriarcado, da LGBTTIQfobia crescente a cada dia no país, como indicam o Atlas da Violência de 2018[3], tem investigado tais marcadores discursivos-corpóreos com o intuito de mitigar o sofrimento humano, trazer para o centro temáticas de pesquisa outrora apagadas, desvalorizadas e deslegitimadas. Assim, como gênero e sexualidade, o termo raça, no passado sequer pronunciado, é central nos debates sobre economia, saúde, educação, segurança, desenvolvimento social e cultura.

Nessa miscelânea toda, a linguagem é essencial para compreendermos como tais marcadores corpóreos são construídos na/pela linguagem e produzem efeitos nas práticas sociais e nas vidas humanas. Considerando a epígrafe desta apresentação, a linguagem faz coisas e nós fazemos coisas com ela. Neste raciocínio, muitas ações estão sendo realizadas ao longo dos artigos sobre gênero, sexualidade, raça e também a respeito da linguagem. Podemos parafrasear Milton Santos (2000), ao dizermos que tudo passa pelo discurso; raça, gênero e sexualidade são compreendidas como construções discursivas, fincadas na História, no social, na cultura e na linguagem. Afinal, a linguagem exerce

[3] Para mais informações a respeito da violência contra mulheres, pessoas negras e LGBTTQ, acessar: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432

> um nítido efeito performativo no corpo no ato de ser nomeado como esse, aquele ou outro gênero, como nos referimos a alguém, desde o começo, quando a linguagem ainda é incipiente, como de uma determinada cor ou raça ou nacionalidade, ou como deficiente ou pobre. Descobrir como somos considerados em qualquer um desses aspectos é resumido por um nome que não conhecemos nem escolhemos, cercado e infiltrado por um discurso que atua de maneira que não podemos de forma alguma entender quando ela começa a atuar sobre nós. Podemos perguntar e perguntamos: Eu sou esse nome? E continuamos perguntando até tomarmos uma decisão sobre se somos ou não esse nome, ou tentamos encontrar um nome melhor para a vida que desejamos viver, ou nos esforçamos para viver nos interstícios entre os nomes (BUTLER, 2018, p.68).

Os discursos a respeito de tais temáticas percorrem séculos, apropriam-se de características de cada tempo e carregam consigo, nessa viagem discursiva/textual, sentidos antigos que são inovados e iteráveis a cada texto. Podemos hoje, como menciona Butler (2018), estar nos "interstícios" de gênero, sexualidade, raça e outros.

Nos tempos de hoje é possível estarmos e não sermos. E nesse entrelaçar entre ser e estar brotam outras performatividades pelas quais não somos identificados(as) e morfologizados(as), que visam a manter a raízes do patriarcado e do racismo, por exemplo, sempre profundas. Lutar contra essas raízes é procurar transgredir, reinventar-se, inovar-se, na busca de alternativas diversas nos pontos aparentemente mais insignificantes. Em sintonia com as recentes discussões que ocorrem na academia, este dossiê é composto por treze artigos e uma resenha que focam gênero, sexualidade e raça como aspectos relevantes a serem discutidos no campo vasto dos estudos sobre o discurso.

No primeiro artigo, "**Southern Perspectives on Race/Gender/Sexuality – Undisciplined Applied Linguistics"**[4], o autor traz uma visão geral de pesquisas e dados já existentes do Sul Global e apresenta alguns desafios relacionados ao gênero, à sexualidade e à raça. No segundo artigo, intitulado **"A Música de um Cantor Negro como Sistema Simbólico de Representação: Análise da Posição-Sujeito em Conflitos Raciais"**, as autoras e o autor apresentam, ao longo da análise da letra da canção "A mão da limpeza", de Gilberto Gil, com foco na posição-sujeito, o preconceito racial. A temática do dossiê aparece interseccionada em **"Gênero, Raça e Classe em**

[4] Este artigo foi apresentado como conferência no Congresso Mundial de Linguística Aplicada, realizado no Rio de Janeiro, de 23 a 28 de julho de 2017.

***Harry Potter*: Constituição Dialógica de Hermione Granger e Belatriz Lestrange",** a terceira pesquisa publicada nesta edição. Nesse artigo, as autoras, embasadas nas teorias do Círculo Bakhtianino, mostram como os marcadores discursivos-corpóreos citados são observados nas personagens analisadas ao longo da saga pottereana, tomada como reflexo e refração da vida.

Como mencionado anteriormente, o campo dos estudos discursivos abrange uma gama de perspectivas teóricas. Na esteira da Análise Crítica do Discurso, o artigo **"A Representação da (Nova) Realidade da (Não) Divisão de Tarefas Domésticas: Análise Crítico-Discursiva de Depoimentos em uma Reportagem"** identifica, em uma matéria jornalística, as construções linguajeiras sobre as tarefas domésticas em narrativas de casais e aponta especificamente para "o lugar da mulher" tanto na esfera privada como na esfera pública. Já as autoras de **"Aqui ou Lá? Lá ou Aqui? Discurso e Identidade na Mooca"** investigam, em recortes discursivos extraídos de revistas, de que maneira língua e cultura italianas influenciam a constituição da identidade do grupo de homens e de mulheres residentes no bairro da Mooca em São Paulo.

Em **"Antigos e Recentes Preconceitos sobre a Voz Humana: Uma Análise do Discurso de Intolerâncias Persistentes"**, os autores apontam, em recortes de textos, os sentidos diversos atribuídos à voz humana e evidenciam, principalmente, os estigmas e os preconceitos atribuídos às vozes das massas populares e aos traços vocais femininos. Os discursos femininos também são de interesse das autoras de **"Mulheres da Margem à Cena: Análise Semiocênica dos Imaginários Sociodiscursivos Narrativos no Teatro Documentário"**, que realizam uma análise semiolinguística do espetáculo *As rosas no jardim de Zula*. Neste artigo, elas investigam os imaginários sociodiscursivos presentes nas histórias de vida documentadas pelos sujeitos cênicos sobre o palco.

O discurso feminista também comparece, nesta edição, em dois artigos: no primeiro, nomeado **"Feminismo e Desconstrução: Para Além de Jacques Derrida"**, **a** autora apresenta o desdobramento do pensamento derridiano sob a ótica de pensadoras feministas como Gayatri C. Spivak, Luce Irigaray, Judith Butler e Hélène Cixous. Essas intelectuais interpretaram as maiores proposições de Jacques Derrida, trazendo o tema da desconstrução até as áreas dos estudos de gênero e de sexualidade; no segundo, **"Por uma Arquegenealogia dos Discursos Antifeministas na Web: Um Estudo da Carnavalização do Feminismo",** a autora e os autores mostram, por meio de análises

de uma das charges que circularam em jornais do século XIX e meados do século XX e três postagens da página do *Facebook, Mulheres contra o feminismo,* os efeitos de sentido produzidos em discursos antifeministas disseminados na *web*, e evidenciam como a posição-sujeito empreende, numa base repetível do discurso, um novo acontecimento irrepetível.

A educação e o discurso são dois campos contemplados neste volume, especialmente ao que se refere às discussões de gênero, o que pode ser lido no artigo **"Heterogeneidade discursiva: gênero e expectativa de formação na educação especial",** em que as autoras analisam a presença da heterogeneidade discursiva no discurso pedagógico, tomando como *corpus* memórias de professoras da educação especial sobre sua trajetória docente.

Em **"Repressão, Hierarquia e Masculinidade em *O Ateneu*, de Raul Pompéia"**, a autora e o autor identificam em *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, relações de poder que abrangem gênero e sexualidade presentes na narrativa e observam perpetuações de valores da sociedade da época e refletem, com aporte teórico da área da educação, sobre o papel da escola nessa dinâmica. Obras literárias também foram o recorte analítico do artigo **"Uma Análise Discursiva dos Relacionamentos Amorosos na Literatura: Representações do Feminino".** Nele, as autoras e o autor mostram que, apesar de os discursos sobre os relacionamentos amorosos se encontrarem em processo de mudança com o passar dos anos, os sentidos vinculados à mulher ainda são os mesmos do discurso dominante, que afirma que o papel designado a ela é o de submissão ao homem. Por fim, este dossiê fecha seu ciclo com a resenha do livro **"Campanhas eleitorais para Mulheres: Desafios e Tendências"**, de Luciana Panke, publicado pela Editora da Universidade Federal do Paraná, em 2016. Nela, o autor descreve, de maneira reflexiva e autoral, o livro mencionado.

Por meio deste dossiê, convidamos todos(as) a refletirem juntos(as) a respeito das temáticas analisadas, que abarcam aportes teóricos discursivos diversos. Ao trazer para o centro do debate essas marcas corpóreo-discursivas, indicamos que, na contemporaneidade, elas importam; além disso, a linguagem e o discurso são 'ferramentas' primordiais nesse processo, visto que há efeitos imprevisíveis quando enunciamos que tais marcas afetam as vidas humanas. Os marcados sociais citados, entendidos por Saffioti (1987) imbricados no nó patriarcado-capitalismo-racismo,

acrescentamos ainda a heteronormatividade, são flagrados nos discursos que, por sua vez, flagram as relações machistas, racistas e o embate entre classes e grupos sociais, nas mais variadas esferas. Desse ponto de vista, ler esse dossiê não significa apenas ler textos abstratos, mas nos ler, ler a sociedade, experienciar de outra forma, por meio da(s) linguagem(ns), a vida.

Referências

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

BUTLER, J. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.

___. *Corpos em aliança e a políticas das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia*. RJ: Editora Civilização Brasileira, 2018.

CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

DORAY, B. "Da produção à subjetividade — referências para uma dialética das formas". In SILVEIRA, P.; DORAY, B. (orgs.). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo, Edições Vértice, 1989.

MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MARX, K. , ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Minas Gerais: Letramento, 2017.

SAFFIOTI, H. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

___. "Ideologia, Ideologias". In Chalita, G (org.). *Vida para sempre jovem*. São Paulo: Siciliano, 1992.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização* [Toward another globalization]. Rio de Janeiro: Record, 2000.